

Índice

Agradecimentos	15
Introdução: Uma Ideia para Moldar o Curso da História	19
PRIMEIRA PARTE	
COMPREENDER A SEMANA DE TRABALHO DE QUATRO DIAS	
1 Repetição histórica	29
2 Sempre a mesma cantiga	37
3 O que é a semana de trabalho de quatro dias?	45
4 Como propô-la?	55
SEGUNDA PARTE	
AS OITO RAZÕES DE SER	
Keynes	
5 A primeira razão: porque é possível	65
6 A segunda razão: porque estimulará a economia através da procura	73
Schumpeter	
7 A terceira razão: porque aumentará a produtividade	86
8 A quarta razão: porque desencadeará a inovação	110
Marx	
9 A partilha do trabalho: um argumento fraco	131
10 A quinta razão: porque reduzirá o desemprego tecnológico	139
11 A sexta razão: porque fará subir os salários e melhorará a vida dos «99 por cento»	156

Hayek

- 12 A sétima razão: porque dará às pessoas mais liberdade
para escolherem como usar o seu tempo 169
- 13 A oitava razão: porque reconciliará uma sociedade polarizada 188

TERCEIRA PARTE

FAZER ACONTECER

- 14 Um protocolo de ajustamento 209
- 15 A semana de trabalho de quatro dias no sector público 223
- 16 Mudança de velocidade 242
- 17 Elinor 254
- 18 A semana de trabalho de quatro dias num mundo pós-pandemia 267

Conclusão: Uma ponte 275

Epílogo: Um salto de fé 283

Sala de Aula 289

Cronologia do Prémio de Ciências Económicas
em memória de Alfred Nobel 303

INTRODUÇÃO

Uma Ideia para Moldar o Curso da História

As ideias moldam o curso da história.

John Maynard Keynes

Pode parecer surpreendente descobrirmos que a ciência económica tem muito em comum com a religião e com o amor, mas é essa a verdade. Não podemos encontrar melhores motivações para o comportamento humano — cada uma delas pode ser portadora de felicidade e lançar os alicerces do bem-estar, mas cada uma delas pode também cegar, criar discórdia e fornecer a justificação de ações nocivas. Tal como muitas coisas feitas em nome da religião não são feitas para bem de Deus, e muitas coisas feitas em nome do amor não são feitas para bem do amor, também muitas coisas feitas em nome da ciência económica não são feitas para bem da economia.

Este livro trata de uma proposta que é recusada em nome da ciência económica, mas que, se adoptada, acarretaria uma poderosa renovação da economia: a semana de trabalho de quatro dias. Em 2019, houve um despertar do interesse pela ideia. Esta surgiu inicialmente como uma nova e radical prática de gestão promovida por um pequeno número de empresas excêntricas. Seguiram-se-lhes artigos divulgados em publicações conceituadas como *The Guardian*, *The Economist*, *Financial Times* e *The New York Times*. Ao mesmo tempo, a ideia foi explorada por alguns *think-tanks* como a New

Economics Foundation and Autonomy. Depois abriu caminho no manifesto do Partido Trabalhista britânico para as eleições legislativas de 2019; e durante a pandemia do coronavírus foi referida por Jacinda Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia, como via possível de reanimação da economia do seu país. No entanto, a ideia suscita muito cepticismo e é ora tida como uma fantasia esquerdista, ora rotulada como impraticável. Se sempre trabalhámos cinco dias por semana, porquê mudarmos?

O propósito deste livro é romper com uma tal narrativa e expor os numerosos argumentos económicos sérios a favor da semana de trabalho de quatro dias. As ideias em causa vêm tanto da esquerda como da direita do espectro político — de facto, nenhuma teoria económica se lhe opõe. Além disso, poderia ser promovida com muito menos atrito do que imaginamos. Devemos adoptá-la pela — e não a despeito da — economia.

Este livro divide-se em três partes. A primeira parte explica que, embora a semana de trabalho de quatro dias pareça uma ideia recente, não o é. Houve, em 1970, nos Estados Unidos, uma proposta séria chamada «4/40» (ou seja, quatro dias e quarenta horas por semana), que foi adoptada por um certo número de empresas. A história também se repete nas suas críticas. A maior parte dos argumentos contra a semana de trabalho de quatro dias foram debatidos nos Estados Unidos entre 1908, quando as empresas primeiro começaram a passar de uma semana de seis para uma semana de cinco dias de trabalho, e 1940, quando a semana de trabalho de cinco dias foi adoptada à escala de todo o país.

A minha concepção de uma semana de trabalho de quatro dias implica muito mais do que a prática de gestão esclarecida, no estilo 4/40, que recentemente tem ocupado lugar de destaque nos jornais. Propoño a semana de trabalho de quatro dias como algo muito maior: uma legislação do governo promovida à escala de toda a economia. Essa legislação reduziria a semana de trabalho regular a quatro dias coordenados, de segunda-feira a quinta-feira. Todas as actividades económicas conduzidas durante a semana de trabalho seriam organizadas nesses quatro dias, e todas as actividades económicas conduzidas durante o fim-de-semana teriam lugar de sexta-feira a domingo — o que explica a divisa do meu apelo: «Sexta-Feira É o Novo Sábado».

Há muitos méritos nas medidas de flexibilização do trabalho (por iniciativa dos trabalhadores) e nas práticas de gestão que as apoiam (promovidas pelas empresas), e alguns dos meus argumentos podem ser utilizados no mesmo sentido. No entanto, como veremos, estas medidas são de alcance inferior ao de uma semana de trabalho de quatro dias coordenada e instaurada por legislação do governo. Só assim podem conseguir-se todos os benefícios económicos para a sociedade da redução da semana de trabalho.

A segunda parte do livro estabelece os oito argumentos económicos favoráveis à semana de trabalho de quatro dias. Porque devemos apoiá-la?

- Porque é possível.
- Porque estimulará a economia através do consumo.
- Porque aumentará a produtividade.
- Porque desencadeará o potencial de um enorme reservatório de talento inovador.
- Porque reduzirá o desemprego tecnológico.
- Porque aumentará os salários e melhorará a vida dos «99 por cento».
- Porque dará às pessoas mais liberdade para escolherem de que modo querem usar o seu tempo.
- Porque reconciliará uma sociedade polarizada.

Para expor os argumentos económicos subjacentes a cada uma destas razões, recorri ao auxílio de quatro economistas que se contam entre os mais influentes da história: John Maynard Keynes, Joseph Schumpeter, Karl Marx e Friedrich Hayek — observando a economia através dos seus olhos. Estes quatro economistas políticos viveram em tempos diferentes e assumiram concepções diferentes em busca da solução para os problemas enfrentados pelas sociedades. No entanto, embora sejam considerados como os porta-estandartes de ideologias concorrentes, têm muito em comum. Creio que cada um deles, se vivesse hoje, apoiaria a ideia da semana de trabalho de quatro dias como etapa decisiva rumo a uma sociedade melhor. Como na célebre observação de Winston Churchill: «Se pusermos dois economistas na mesma sala, teremos duas opiniões diferentes; a menos que

um deles seja *Lord Keynes*, caso em que teremos invariavelmente três opiniões muito diferentes.» Não espero que todos os meus argumentos convençam toda a gente, mas espero que alguns deles acertem no alvo.

Cada um dos oito argumentos serão mais ou menos convincentes conforme as preferências ideológicas própria de cada um, mas todos eles se baseiam em razões económicas sólidas e assentam em dados que os confirmam. Em última análise, o núcleo de cada argumento refere-se ao que as pessoas fariam com o seu dia extra fora do tempo de trabalho. Poderiam descansar mais, o que aumentaria a sua eficiência durante os seus quatro dias de trabalho. Poderiam fruir de actividades de tempos livres que acarretariam gastos monetários e que estimulariam o consumo. Poderiam decidir trabalhar, exercendo assim a sua liberdade individual. Poderiam usar o dia extra para completarem a sua formação e adquirirem novas ferramentas que as ajudariam a descobrir uma ocupação mais compensadora ou prometedora. Ou poderiam dedicar o seu tempo à sua paixão e criar uma empresa ou futuras inovações. Não presumo saber o que as pessoas fariam, mas qualquer que fosse a escolha, estariam a contribuir para o desenvolvimento da economia. Nas palavras do Nobel da economia James Tobin, «cada actividade de tempos livres traz um benefício económico a alguém».

Há quem creia que cinco é o número ideal dos dias da semana de trabalho, mas não se perguntam por que razão esse número não mudou ao longo de oitenta anos, quando mudou quase tudo o mais — a velocidade a que comunicamos, os tipos das tarefas que fazemos, a tecnologia à nossa disposição, o número de anos dos nossos estudos, a estrutura das nossas famílias, a duração das nossas vidas, a natureza das nossas interacções sociais. A sua crença tem a mesma justificação que a dos nossos bisavós quando pensavam que seis era o número ideal dos dias da semana de trabalho: porque era esse o *statu quo*. Tal é o único argumento que sustenta a semana de trabalho de cinco dias: o facto de nunca ser fácil mudar os hábitos e as instituições. A mudança é disruptiva e a adaptação a um novo modo de organizar a sociedade, custosa. Mas a pandemia da covid-19 enfraqueceu este argumento: estamos em busca de um novo normal, e queremos que seja melhor. O que nos oferece uma oportunidade

sem precedentes porque o mundo — trabalhadores, empresas e políticos — está aberto a novas formas de organização da economia.

A última parte deste livro examina os aspectos práticos da instauração da semana de trabalho de quatro dias, tanto no sector privado como no público, e discute as suas implicações no que se refere ao ambiente e ao PIB, às mulheres e à família, e ao mundo pós-pandemia. A transição para a semana de quatro dias poderia ser feita mais facilmente do que se imagina. Se nos perguntarmos se cada um de nós sofreria um corte de 20 por cento no seu rendimento por trabalhar um dia menos, a resposta é que não. Na sua grande maioria, os trabalhadores não sofreriam qualquer redução salarial. Como é possível que isso não seja demasiado bom para ser verdade, será uma espécie de magia negra económica? Posso garantir que não se trata de uma coisa nem de outra. Há vários mecanismos de ajustamento possíveis que protegerão os salários e que vão do aumento da produtividade ao ajustamento nos horários laborais dos quatro dias de trabalho, à redução dos lucros desproporcionados, ao aumento de preços, aos subsídios e, principalmente, ao tempo. Um período de transição de cerca de cinco anos entre o anúncio da semana de trabalho de quatro dias e a sua entrada em vigor daria aos trabalhadores, às empresas e aos governos tempo suficiente para a prepararem, por exemplo, através de contenção salarial durante esse período, evitando cortes no momento da sua instauração.

A semana de trabalho de quatro dias é uma ideia que pode ser adoptada em termos transversais ao espectro político e a sua implementação pode ser moldada por diferentes ideologias. É inevitável que os ajustamentos impostos sejam diferentes nos Estados Unidos e em França, porque os cidadãos americanos e franceses têm concepções diferentes acerca dos direitos dos trabalhadores e da importância do empreendedorismo. De modo semelhante, dentro de um mesmo país, diferentes indústrias, actividades e empresas poderiam aplicar diferentes combinações de ajustamentos. Teriam assim lugar negociações envolvendo diferentes perspectivas, por parte dos sindicatos, das organizações industriais e das associações de consumidores, bem como ainda do governo.

Nas suas fases iniciais, a instauração da semana de trabalho de quatro dias será disruptiva, mas isso não nos deve fazer esquecer a